

Pedir, verbo intransitivo

Lygia de Sousa Viégas

Juliana Breschigliari

Cida e Luiza moram com outras famílias embaixo de uma ponte de uma grande avenida da cidade de São Paulo. Tão logo nos aproximamos, Cida veio, aflita, correndo em nossa direção. Ao todo, são cerca de 15 pessoas morando ali: Cida, 36 anos, negra, com cinco dos seus filhos (o mais novo é um bebê de 10 meses; o mais velho, de 16 anos, mora em uma favela). Luiza (que também participou da entrevista), é branca e vive com o marido e três filhos pequenos. Há mais duas famílias que não estavam no local durante a entrevista, realizada em novembro de 2002.

Todos estão desempregados; alguns sobrevivem “puxando carroça”, outros pedindo. Em contexto tão adverso, fazem-se presentes expressões de esperança, indignação, resistência e luta. É tomada principalmente dessa indignação que Cida, ao mesmo tempo em que pede *tudo* para sobreviver, não aceita *qualquer coisa*, especialmente quando se trata de uma “oferta” do Poder Público. Assim, transita de maneira criteriosa entre o favor, oferecido por outros cidadãos, e o direito, incumbência do Estado.

Nascida na Bahia, mas criada em São Paulo desde os oito anos, Cida frequentou a escola até a 5ª série, quando interrompeu os estudos para cuidar dos irmãos mais novos. Até ir morar na rua, teve experiências profissionais, principalmente como faxineira e empregada doméstica. Está desempregada desde então e não acredita que sua situação de desemprego vá mudar, uma vez que os empregadores temem dar trabalho aos que não têm moradia.

A história de Cida nas ruas começou em 1993, quando seu barraco, em uma das favelas do córrego Água Espraiada, pegou fogo. Sem a “indenização” a que tinha direito, só restou à sua família (que na ocasião incluía um companheiro) abrigar-se sob a ponte.

Cida pode ter sido removida, como tantos outros moradores daquela favela, para a realização do projeto que teve como marco a construção da Avenida Água Espraiada (o primeiro trecho foi inaugurado em outubro de 1995), na região sudoeste da cidade de São Paulo, onde se con-

centra a população de alta renda. A construção da avenida foi, na verdade, de caráter imobiliário – e não viário – concretizado por meio de uma parceria entre a Prefeitura e empresários nacionais e internacionais, inseridos na lógica de “captura da máquina pública e recursos municipais para viabilizar o empreendimento gigantesco que nenhum *lobby* de capitais privados teria condições de fazer”. Trata-se de uma “ação arcaica cujas raízes estão bem fincadas há séculos, no Brasil”: uma obra de interesse altamente privado, mas financiada, em grande medida, com o dinheiro público, especialmente dos fundos de pensão¹.

Para esse empreendimento, as favelas foram retiradas não só do local onde seria construída a avenida, mas também das imediações; seus mais de 50 mil moradores, muitos enraizados no bairro há mais de dez anos, foram expulsos do local². Cadastradas pela Prefeitura, cada uma das famílias deveria optar entre ganhar uma passagem “de volta à terra natal” (em geral, Pernambuco, Bahia ou Paraíba); comprar uma moradia financiada e construída pela Prefeitura; ou ser indenizada.

Com relação à opção pela moradia, a Prefeitura construiu unidades habitacionais em Cidade Tiradentes, na periferia da zona leste da cidade, e no Jardim Educandário, próximo à divisa com Taboão da Serra (nesse último caso, a construção foi financiada por um grupo de empresários que “se reuniu para forçar a remoção completa da favela”). A opção pela moradia, no entanto, não foi suficientemente divulgada, obtendo uma adesão de apenas 5% das famílias, que “deveriam ainda passar pelo purgatório dos alojamentos, que mais pareciam ‘campos de concentração’ (...), esperar pela construção da casa, que não estava assegurada, e finalmente pagar por 25 anos uma prestação de 57 reais”³.

A opção mais difundida foi chamada pela Prefeitura de “ajuda de custo para a mudança”, ou seja, uma verba em dinheiro que somava 1.500 reais por família, oferecidos a quem saísse da região. Com a irrisória indenização, a maioria das famílias removidas viu-se impossibilitada de comprar uma moradia no “mercado legal”, recorrendo a outras favelas em bairros distantes do centro da cidade (Jardim Ângela, Jardim São Luís, Cocaia ou Grajaú). Ironicamente, grande parte foi levada pelo caminhão da própria Prefeitura para se alojar em áreas de proteção de mananciais, como as margens das represas Billings e Guarapiranga.

¹ Fix (1999), p. 9.

² Note-se que essa mesma gestão da Prefeitura (Maluf, 1993-1997) construiu, em todo seu governo, apenas 3.500 unidades habitacionais, como parte do projeto Cingapura.

³ Fix, *op. cit.*, p. 40.

Em setembro de 1995, grande parte dos barracos já havia sido derubada. As condições de moradia da maioria das famílias só pioraram. No contexto de tal expropriação, toda tentativa de resistência dos moradores da favela foi quebrada, por meio de ameaças, da pressão diária dos tratores, da polícia e da cooptação das lideranças.

Vale ressaltar que o desalojamento das famílias empobrecidas da região onde foi feita a avenida não foi consequência nefasta dessa construção, mas seu objetivo. A presença de moradores empobrecidos ali desvalorizava a região. A retirada deles e a construção da avenida, ao contrário, valorizava o local. Do ponto de vista do poder público e do empresariado, tanto fazia para onde essas famílias iriam – áreas de mananciais, cidades de origem, favelas, ou mesmo para as ruas. Importava que elas saíssem dali, e não voltassem.

Trata-se, portanto, de uma das tantas histórias que revelam a presença perversa do Estado na trajetória de famílias empobrecidas. Perversidade que inclui a dissimulação: a depoente não consegue estabelecer relação entre sua saída da favela e a construção da avenida. Como a entrevista não pôde se valer de outros encontros, algumas passagens da história de Cida ficaram obscuras. Apesar disso, é certo que seu destino assemelhou-se ao das 50 mil famílias removidas daquelas favelas.

Na mesma ponte onde encontramos Cida, havia outras famílias, como a de Luiza, que ali foram acolhidas no decorrer do tempo: “ela não tinha lugar, chegou com os filhos aqui, aí a gente ajudou. E ela ficou aqui com a gente”. Desamparados, encontravam-se numa situação em que só podiam contar com “os seus”, configurando, a partir de então, uma caminhada coletiva.

Em abril de 2002, Cida e as outras famílias daquela ponte foram retiradas dali pela Prefeitura e levadas para casas alugadas na periferia da cidade, onde deveriam morar provisoriamente durante um ano, enquanto moradias definitivas seriam providenciadas⁴. No entanto, as quatro famílias sentiram-se desamparadas na nova situação, pois as casas ficavam distantes do centro da cidade, portanto de equipamen-

⁴ Possivelmente, como parte de um Programa Habitacional da Prefeitura de São Paulo intitulado Bolsa Aluguel, que visa a subsidiar a locação de imóveis para famílias de baixa renda que moram em imóveis ou áreas que estão sendo recuperados ou urbanizados pela própria Prefeitura. Com suporte financeiro do BIRD, as famílias recebem um vale de até 300 reais pelo período de 30 meses (dados obtidos na Instrução Normativa SEHAB-G Nº 01 – de 19 de fevereiro de 2004; e no site da Prefeitura de São Paulo).

tos públicos, e num local onde pouco podiam recorrer à solidariedade alheia, sua única forma de sobrevivência. Por esses motivos, decidiram voltar, todos juntos, para a rua: “somos todas unidas. Se fizerem alguma coisa com uma, é uma família só”.

Retornaram à antiga ponte onde moravam, reconstruíram, cada qual, os seus barracos e ficaram ali na expectativa de serem novamente abordadas por representantes do poder público municipal ou mesmo pela imprensa sensacionalista, na intenção de dar visibilidade à situação em que estavam vivendo: “Eu quero que eles venham, porque aí eu vou falar pra eles por que estou aqui. (...) Se eles aparecerem aqui, ou um repórter, eu levo lá na minha casa e mostro como está a situação. (...) Pra provar o que está acontecendo”. Com essa esperança é que Cida, quando nos viu pela primeira vez, veio, aflita, correndo em nossa direção.

A entrevista de Cida e Luiza é repleta de repetições, ora de temas, ora de palavras, o que nos pareceu ser recurso de ênfase ao que diziam e, ao mesmo tempo, marca da circularidade característica da estagnação de suas condições de vida sob a ponte, na periferia, na favela. Dentre essas repetições, chama a atenção a polarização da fala nos extremos *tudo* e *nada*, expressões que podem estar a serviço de descrever aspectos da condição limite em que vivem.

Diante dessa situação, Cida se esforça para explicar sua realidade de forma lúcida. Nesse esforço, é constante o tom de desconfiança em relação ao poder público, alimentada pela falta de informações sobre a política pública na qual havia sido incluída. As lacunas são preenchidas com suposições de desonestidade e falta de sinceridade dos funcionários públicos com quem as moradoras têm contato.

O tom de desconfiança também se faz presente quando Cida fala dos vizinhos: os vizinhos da favela onde morava há nove anos, dos quais desconfia que incendiaram seu barraco; os moradores da ponte vizinha, vistos como violentos, aproveitadores e coniventes com a suposta corrupção do poder público; os moradores das casas vizinhas no bairro periférico para onde foi levada pela Prefeitura, apontados como preconceituosos, indiferentes e insensíveis à sua situação. Uma escuta apresada poderia supor que Cida compartilha de uma visão estereotipada e preconceituosa de seu próprio grupo social. Porém, maior atenção a essas falas pode indicar que Cida, mais do que deturpar a imagem dos vizinhos, quer preservar a sua própria imagem, tentando livrar-se da imagem social negativa que a atinge.

Se, de um lado, há uma relação acirrada de disputa com os vizinhos mais distantes, de outro, é possível estabelecer alguma solidariedade com os vizinhos mais próximos, moradores da mesma ponte, especialmente as mulheres. É marcante, na fala de Cida, a referência aos moradores daquela ponte como sendo “a gente”; também é marcante a referência ao grupo como um grupo de mulheres. Apesar de fazer críticas aos homens que “não lutam” para enfrentar as dificuldades, não atribui exclusivamente a eles o papel de garantia das condições básicas de sobrevivência da família, e não os culpabiliza pela situação de escassez em que vivem. Cida, de maneira crítica, reconhece a ausência do Estado como o principal responsável por essa condição.

O bebê, incomodado com o barulho do trânsito na avenida, chorava no colo da mãe, que nos concedia a entrevista, enquanto a filha de nove anos buscava, correndo, um saco plástico com pedaços de bolo que um motorista de perua oferece-lhes diariamente: “O meu bebê não é acostumado aqui, com o barulho. Ele saiu daqui com dois meses. As outras crianças já moravam aqui, elas não estranham. Elas dão graças a Deus que saímos de lá pra vir pra cá pra arrumar as coisas pra comer. Vão no posto de gasolina, arrumam coisa pra comer, refrigerante, tudo, porque lá na casa não tem nada disso. Não tenho dinheiro pra comprar”.

A dificuldade de se manterem na periferia envolveu outros direitos que não só a moradia: os filhos de Cida e suas companheiras de rua ficaram sem vagas em escolas (tanto na periferia quanto depois que voltaram a morar na rua) e não conseguiam atendimento nos postos de saúde. “Todas as crianças estão doentes. E pra passar no médico lá perto da casa, é um horror. É o maior problema. A Prefeitura falou que a gente ia ter posto de saúde pras crianças, não tem nada disso”.

De fato, estar morando nas ruas brasileiras é estar excluído de todos os direitos sociais. Quem não tem habitação, não tem trabalho, não tem dinheiro, não tem saúde, não tem segurança, não tem educação. Cultura e lazer, então, nem se fala. Se os moradores de rua não contarem com a solidariedade alheia, às vezes nem comida todos os dias eles têm. Nada está garantido a essas famílias no campo dos direitos sociais. Tudo é preciso *pedir*. *Pedir* para viver.

Entrevista com duas moradoras de rua

“Eles não compareceram...”

– *Você está morando aqui há quanto tempo?*

Cida – A gente morava aqui há nove anos. A Prefeitura indenizou a gente e alugaram casas. Mas eles não fizeram o que tinham que fazer com a gente. Alugaram a casa e deixaram a gente lá. A gente não tem serviço, não tem jeito de arrumar serviço, é muito longe daqui. Tudo é muito longe. Onde a gente mora, muitas pessoas não aceitam a gente. A gente passa dificuldade porque muitas pessoas criticam a gente, falam que a gente vem da rua, vem de baixo da ponte, que é ladrão. As pessoas ficam querendo tirar a gente do lugar onde a Prefeitura colocou. Isso daí a Prefeitura deixou. Colocaram a gente lá e deixaram com várias contas de água, de luz, daquelas casas, que a gente não tem condições de pagar. Nem eu nem os outros que moravam aqui. E a gente tem que pagar se não a gente fica sem água e sem luz. A minha água já foi cortada. Não paguei porque não era minha. Mais de cento e tantos reais, não tenho condições. A Prefeitura não vai na casa da gente ver como a gente está, não vai ver, não vê a gente, não procura saber como a gente está. Pra gente botar o alimento dentro de casa, a gente sai pra rua pra pedir, pedir. Ficamos embaixo da ponte, pra pedir roupa, alimento, tudo pras crianças. A gente não tem como comprar.

– *A Prefeitura alugou uma casa pra vocês?*

Cida – Alugou... Eles falaram que iam ajudar, iam alugar uma casa pra gente e não iam deixar a gente na mão. Infelizmente, eles deixaram. Iam dar trabalho pra gente, cesta básica todo mês. E a gente tem criança e tudo. Eles alugaram a casa com conta atrasada não sei quantos meses. A gente está passando tudo por esse problema. A Prefeitura fez um negócio, mas não fez certo.

– *E vocês chegaram a reclamar?*

Cida – Eu e minhas amigas que moram aqui na ponte, a gente quer saber como reclamar... mas a gente não tem como...

Luiza – A gente liga para lá, ninguém atende...

Cida – A gente precisa de alguém pra auxiliar a gente... Trazer um repórter aqui... A gente não tem, mas quer isso. (...) A gente está passando um problema... Nós mesmos resolvemos vir pra ponte pra ver se aparecia um

repórter, qualquer coisa pra gente falar, que a gente quer falar o que está acontecendo com a gente. A Prefeitura prometeu muitas coisas pra gente. E aí a gente veio pra cá porque se encontrasse algum repórter pra gente falar alguma coisa até que ajudaria a gente, ajudaria bastante... Porque se a gente estivesse na casa da gente, não precisaria nem vir pra cá, não é verdade? Todo mundo que a Prefeitura tirou debaixo da ponte está passando necessidade. Todo mundo. Todo mundo. E muita gente não aceita a gente.

– *Conta uma situação que aconteceu, de não aceitarem vocês.*

Cida – Ah, é que a gente mora na rua. Nós moramos... morava... mora na rua e as pessoas recusam a gente, sabe? As pessoas recusam a gente. Ficam chamando a gente de maloqueiro, mendigo, ladrão... A gente passa a maior loucura por isso, principalmente os filhos da gente. Eles chegam na escola, falam assim: “Ah, você é mendigo, você mora na rua”.

– *Eles estão na escola?*

Cida – Uma está no pré, para as outras até hoje não encontrei vaga. Elas estudavam aqui, eu saí daqui e até hoje elas estão sem estudar. Estudavam aqui e a Prefeitura tirou a gente daqui pra levar praquela fim de mundo. E garantiu que ia matricular as crianças, arrumar vaga, que a gente não precisava se preocupar... Não fizeram nada disso. Estão sem escola faz mais de seis meses...

– *Em abril, vocês foram para as casas. Quando vocês voltaram para a rua?*

Cida – Semana passada. Mas antes nós viemos, dormimos aqui, porque a gente estava passando necessidade. A gente vinha arrumar umas coisas pra levar pra casa, dinheiro pra comprar gás, essas coisas. A Prefeitura prometeu pra gente, mas não cumpriu nada. Não cumpriu nada.

– *Você está desempregada?*

Cida – Desempregada. A gente passou necessidade dentro de casa.

– *E como é que você faz para comer, para conseguir dinheiro?*

Cida – Eu tenho que vir pra rua pedir... Sabe o que uma moça da Prefeitura falou para mim? “Por que você não pega seus filhos e sai pedindo de casa em casa? Pede para os vizinhos”. Eu falei: “Se a senhora está no meu lugar, a senhora acha isso bonito? Que é isso? Esse é o exemplo que a senhora dá pra mim? Eu quero sair disso e a senhora manda eu pedir a comida até para os vizinhos?” Mandou a gente pedir comida para os vizinhos...

Luiza – A obrigação era todo mês dar uma cesta para nós.

Cida – Era a obrigação deles, todo mês. Todo mês. Ficou certo que eles iam dar uma cesta pra gente. Não foi isso que eles fizeram. As meninas estão sem estudar, a gente fala pra eles... Eles deixaram até de ir à minha casa. Eles não foram mais à minha casa, porque cortaram água, está pra cortar luz. Eles não compareceram... E falaram que eu tinha que arrumar dinheiro pra pagar. Falei: “Se vocês me colocassem numa casa que eu mesma fosse pagar conta de luz e água, eu economizava, logicamente”. Ia vir uns 20 reais, 15 reais, eu posso pagar. Eu arrumo e pago. Não vou deixar cortar água. Agora 100, 200, eu não posso.

– *Por que veio tão alta a conta?*

Cida – Porque estava atrasada. Eles falaram que a gente tinha que pagar essas contas. Eu não morava lá ainda. Eu estou com todos os papéis lá na minha casa, pra comprovar, provar pra eles.

– *Tem coisas suas lá na casa?*

Cida – Tem. Minhas coisas estão lá. Minhas camas, geladeira que ganhei... Tem fogão, tudo lá...

“Uma casa que a pessoa não moraria dentro. Não moraria dentro”.

– *Você está dormindo aqui ou você está dormindo lá?*

Cida – Estou dormindo aqui, porque a gente necessita dormir aqui. As crianças estão todas sem roupas, sem nada. Estamos na pior mesmo. Todos estamos na mesma situação.

– *E vocês resolveram voltar para cá juntos também?*

Cida – Para lutar contra isso que estão fazendo com a gente, porque a gente não está aguentando mais. Eu mesma não estou aguentando mais, nem a Luiza.

– *Se você tivesse ficado lá, o que ia acontecer?*

Cida – Minhas crianças, como é que elas iam comer? Eu tinha que pagar as contas. Como é que ia comprar leite? E lá é difícil, é difícil. Pra morar lá, tem que ter serviço, emprego pra trabalhar.

– *Você acha que é mais fácil pedir na rua aqui?*

Cida – Aqui é mais fácil. Lá, ninguém dá nada pra ninguém. Você pode morrer de fome, a criança precisando do leite como eu precisei e não ar-

rumei. O meu filho teve que tomar chá, chá, só chá. (...) O meu filho mais velho fica mais na favela porque ele tem mulher lá. Ele tenta me ajudar, mas ele tem um filho novo. Ele também está passando por problemas. O filho novo e ele com 16 anos. Eu não posso ajudar eles, não posso ajudar de jeito nenhum. Não tenho condições. Nem pra ajudar a mim mesma eu tenho condições.

– *E os outros filhos?*

Cida – Eles tomam leite, comem comida. E é muito difícil arrumar essas coisas lá. Eles colocaram a gente no fim do mundo. No fim do mundo. E ainda falaram pra gente pedir para os vizinhos. Eu achei um absurdo. Eu, passar humilhação, vergonha? A gente já passa humilhação lá, porque passa como maloqueiro, ladrão. Não pode ter um filho homem que já é ladrão, bandido, porque mora na rua. A gente morava na rua e não é nada disso! Nós somos humildes. Somos humildes mesmo. Nós lutamos pra criar nossos filhos. Se a Prefeitura quisesse fazer alguma coisa, ela tinha que ter feito alguma coisa boa, melhor. Por que em vez de alugar a casa, eles não pegaram esse dinheiro e compraram pra gente a casa de uma vez? Vai pôr a gente num lugar que as pessoas recusam a gente, um lugar sem... sabe? Não serve para nós esses lugares. E não é só a gente que reclama. Todos, todos, todos reclamam. Todos reclamam. Pode ir na ponte lá embaixo, está cheio de gente. A maioria mora perto da gente também. Tudo a mesma coisa, todos passando pela mesma coisa. A Prefeitura não serve em nada para a gente, não ajuda a gente a arrumar serviço. E foi prometido tudo isso. Foi prometido.

– *Você vai voltar lá para buscar suas coisas?*

Cida – É, eu vou ter que arrumar as coisas aqui e ir embora para lá, porque o contrato da gente é de um ano. Algumas pessoas vão para os prédios que a Prefeitura está fazendo, que já disseram que foram invadidos. A gente nem está sabendo mais disso, porque eles sumiram da casa da gente. Não vão lá nem falar pra gente como vai ficar, como não vai... Sumiram. Eles não dão mais palpite nenhum pra gente. Então, a gente não sabe pra onde vai, o que vão fazer. Porque se eles forem fazer alguma coisa com a gente, nós preferimos voltar pra cá. Voltar pra cá... Porque os prédios da CDHU, você tem que pagar 55 reais dos prédios do condomínio. Ainda tem que pagar água, luz... Como é que a gente vai pagar se não tem serviço? A gente não tem o trabalho que a Prefeitura prometeu. Como é que a gente vai morar num lugar... Pode me levar, só que não vou ter condições de pagar nada. Porque o certo era ter dado as casas pra gente. Aí tudo bem, né? A

Prefeitura tinha que ter dado as casas pra gente. Eles prometeram muita coisa pra gente e não cumpriram nada. Nada, nada, nada. E a gente vai ficar aqui. Eles vão vir aqui tirar a gente. Mas nós não vamos sair.

– *Eles sabem que vocês vieram para cá?*

Cida – Ah, já estão sabendo... Eles estão querendo mexer com a gente aqui. Mas nós não vamos sair. A gente vai ficar até arrumar as coisas pra levar pra casa. Na nossa casa, não tem nada. Não tem nada, na nossa casa. Não tem nada. A gente tem que arrumar gás, comprar comida para as crianças, pagar água, luz porque senão... Na casa da Luiza, já foi cortada a luz, a água. Na minha também. E a Prefeitura não pega as contas quando vai na casa da gente. Eu não tenho condições, não fui eu que gastei. E as casas que eles deram pra gente, vocês precisam ver. É um horror.

– *Como é?*

Cida – Toda quebrada, mofada, as paredes todas molhadas. Não tem nem interruptor de luz, nada. As casas todas assim. Todas velhas as casas. A da Luiza tem rato até comendo o assoalho, a porta... Os ratos comendo...

– *Como é quando as pessoas da Prefeitura vêm aqui?*

Cida – Mandam a gente sair ou querem pegar até as crianças. Aí a gente fala que não pode sair daqui. Aí a gente vai para o outro lado da rua e espera eles saírem para voltar. (...)

– *Essa casa alugada é só pra você e seus filhos?*

Cida – A Prefeitura alugou uma casa para cada família. Eles tiraram as pessoas da outra ponte, que escolheram as melhores casas. As melhores casas para algumas pessoas que eles sabiam que podiam embolsar um pouco, porque as pessoas da outra ponte fizeram tudo certo. Você vai na casa deles, uma beleza, lindas as casas. As casas lindas, lindas, lindas. Como fomos nós, sabe o que eles falaram? “Vocês foram as últimas. Nós não podemos fazer nada, temos que dar essas casas pra vocês”. E uma: era pra gente escolher casa. A gente escolher. Não aconteceu isso com a gente. Eles levaram a gente nas piores casas que tinha porque na outra ponte, eles já tinham alugado casa boa pra todo mundo. Alugaram uma casa velha, acabada, não tem torneira, sabe? Uma casa que a pessoa não moraria dentro. Não moraria dentro. Tem casa que chove, molha dentro, pinga. De laje, hein? De laje. Molha dentro. Não pode nem acender a lâmpada porque pinga. (...) A Prefeitura embolsou um pouco que eu sei. Nossos amigos que moravam aqui, o aluguel da casa deles foi dois mil num ano. A

Prefeitura gastou três mil com cada casa. Cadê o resto do dinheiro? Eu já falei pra eles e eles falam que é mentira. Mas é verdade. É verdade e pode comprovar que é verdade. A Prefeitura comeu a metade de todo mundo. As casas não valem nem mil reais o aluguel do ano. Não vale. Se você for na minha casa, vai falar assim: “Que é isso? Que casa é essa?” Não tem cabimento viver ali com meus filhos. Tem muitos problemas. É casa sem torneira, sem encanamento, sem luz...

“Eu vim parar debaixo da ponte porque eu fiquei esperando a Prefeitura”.

– *E por que você veio morar na rua pela primeira vez há 9 anos?*

Cida – Até 1993, eu morava aqui na Água Espraiada. Meu barraco pegou fogo por causa de uns vizinhos. A Prefeitura foi lá pra indenizar a gente e não fizeram isso. Até hoje, eu tenho o papel do barraco que eu perdi. Eu tinha tudo dentro, tinha tudo. Tudo, tudo, tudo dentro de uma casa eu tinha. Eu tinha tudo. Perdi tudo. Eu vim parar debaixo da ponte porque fiquei esperando a Prefeitura. A Prefeitura falou que tinha muita gente pra eles atenderem, que eu tinha que esperar. Eu esperei e até hoje eu tenho o papel da Prefeitura desse barraco e eles não me indenizaram nem nada. Até hoje.

– *Já tinha construído a Avenida Água Espraiada ou estava construindo?*

Cida – Não tinha construído. Não estavam nem sonhando em construir ainda. Pegou fogo e vieram me procurar aqui também. A Prefeitura me achou aqui. Me levaram pra assinar uns papéis e vieram com a perua pra levar as minhas filhas de mim, mas não conseguiram, porque eu sou a mãe delas. Tentaram levar elas de mim. E eu assinei papel que eu nem sabia o que era. Me falaram que era da Prefeitura porque eu tinha perdido o barraco, dei o papel pra eles e tudo. Quando foi no outro dia cedinho, a perua branca do SOS Criança veio recolher elas⁵.

– *E você não deixou?*

Cida – Ah, não. Eu mandei elas saírem correndo. Hoje mesmo, a gente saiu correndo por causa do caminhão da Prefeitura e a perua da SOS que

⁵ O SOS Criança, oficialmente desativado em 2001, foi um programa da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo, voltado para o atendimento de crianças e adolescentes em situação de violência social. Atualmente, há outra iniciativa muito semelhante, chamada Criança Cidadã, voltada a crianças e adolescentes em situação de rua, de forma permanente ou circunstancial (Cf. www.desenvolvimentosocial.gov.br). Para as famílias, geralmente são vistos como verdadeiras “carrocinhas de gente”.

passou aqui. Eu falei pra Luiza correr com as crianças que eu ficava pra conversar com eles e ver o que queriam. E a Prefeitura essa semana vai vir mexer com a gente aqui, mas a gente não vai sair. E nós vamos cobrar deles. “Sabe por que nós estamos aqui? Porque nós estamos passando necessidade, vocês prometeram serviço para gente, escola pras crianças e até hoje...” Eu tirei minhas filhas de um colégio aqui perto tão bom...

– *Por que você teve que tirar elas da escola?*

Cida – Porque a Prefeitura mandou tirar, garantiram vaga para elas.

– *Por que era muito longe a casa?*

Cida – Era muito longe, tinha que pegar dois ônibus pra vir pra cá. E eles ainda falaram pra mim: “Por que você não acorda quatro horas da manhã e leva elas pra escola?” É difícil, é difícil, mas eu sei que, da minha parte, vou lutar. Eu vou lutar, vou chegar ao fim. Nem que eu fale com repórter... Eu vou procurar alguém que me incentive a ir ao Programa do Ratinho, alguma coisa assim. Pra poder falar o que está acontecendo, que a Prefeitura está escondendo. Eles estão fazendo isso, mas eles estão escondendo muitas coisas. Deixaram a gente lá, jogaram lá e pronto, não querem mais saber. Ainda embolsaram dinheiro. Nós conhecemos pessoas que trabalham na Prefeitura. Eu tenho que assinar o Renda Mínima e até hoje não assinei, por causa deles. Falaram que iam marcar o dia pra mim e eu estou esperando até hoje. Até isso. E a gente telefona lá e eles nunca estão. Pra gente, eles nunca estão. Então, a gente queria ir lá, algum repórter, alguma coisa pra incentivar a gente pra dar um jeito nisso. Não é certo o que estão fazendo com a gente.

*“A gente enxerga no olhar das pessoas
como elas olham pra gente”.*

Cida – A Luiza passa a maior humilhação na casa dela, por causa dos vizinhos. A situação dela é pior ainda. Ela mora num lugar que as pessoas moram encostadas [referindo-se às casas dos vizinhos], dá pra ver dentro da casa dela e tudo, humilham ela demais. Ela passa o maior sufoco. Quando acontece, ela corre lá pra minha casa. As pessoas de lá humilham muito a gente.

Luiza – Tem gente que fala que não é nem pra falar comigo, sabe? “Ela é da rua. Não faz amizade com ela, não”.

Cida – A gente enxerga no olhar das pessoas como elas olham pra gente. Quando a pessoa olha pra minha casa, já sinto... Já está falando. Minhas filhas não podem brincar na rua que os outros chamam de mendigas, ma-

loqueiras, falam que elas moram na rua, que elas pedem, tudo isso falam pra elas. E a gente tem que aguentar.

– *Então, vocês saíram de lá não só porque não tinham dinheiro, mas também porque estavam passando humilhação...*

Cida – E as crianças principalmente. A gente ouve, sente, mas a gente... Agora, com as crianças... As minhas filhas saem na rua, os filhos da Luiza também não podem nem sair na rua, que os outros xingam de maloqueiro, mendigo. Uma criança vem brincar com as minhas filhas, as outras já falam: “É maloqueira, mendiga”. As próprias mães falam pras crianças não brincarem com as filhas da gente. É isso que nós estamos passando. E nas escolas também. Tem muita gente que estava na rua que tem as crianças já na escola e elas aguentam isso também.

“Eu não vou ficar quieta”.

– *Todos que moram embaixo dessa ponte são como uma família?*

Cida – Nós somos como uma família. Por isso que viemos todos pra cá. Nós nos reunimos pra vir pra cá e lutar contra isso que estão fazendo com a gente.

– *Vocês decidiram juntos?*

Cida – Decidimos e estamos até o fim. Se a Prefeitura vier aqui tirar a gente, nós não vamos sair. Enquanto a gente não arrumar as coisas da gente, não podemos sair. Porque se a gente for pra casa, nós vamos comer o quê? Lá em casa não tem nada. Nada, nada, nada! Nada pra comer, nada. Não tem nada pra comer.

– *E aqui, tem?*

Cida – Aqui eles ganham, comem, tomam leite, comem comida, bolo, comem tudo. Tudo, tudo, tudo.

– *Como é que vocês fazem para cuidar das coisas de vocês?*

Cida – Saíram algumas pessoas, ficamos nós duas. A gente toma conta das coisas de todos. (...) Estão todos desempregados porque a Prefeitura prometeu uma frente de trabalho pra gente. E a gente tem documento. A gente está esperando e, nisso de esperar, estamos passando necessidade. Estamos passando tudo. Tudo, tudo, tudo. Tudo.

– *Quando você ficou desempregada?*

Cida – Logo quando eu vim pra ponte. Quando eu perdi tudo. Eu tinha um barraco, eu tinha tudo, tudo. A gente morando aqui embaixo, ninguém arruma serviço pra gente. É difícil. Já pensa que a gente vai roubar, mas não é nada disso, gente. Não é nada disso. As pessoas ficam com trauma de arrumar serviço pra gente, mas não é isso. As pessoas pensam tudo ao contrário. A gente mora aqui debaixo, mas nós não somos ladrões, não roubamos, não temos mania de mexer em nada de ninguém. A gente pede, pede. E a gente não tem vergonha de pedir pra não ter que roubar nada dos outros, não é verdade? A gente não rouba nada dos outros, a gente pede. Eu peço, eu peço mesmo, pra eu não precisar roubar nada. Eu não preciso roubar quando eu peço. Se meus filhos querem, eu vou lá e peço. A gente não rouba.

– *Vocês estão comendo aqui...?*

Cida – Shiii... Nós estamos comendo, temos leite para as crianças. Eu não tinha nenhum pinga de leite dentro de casa, não tinha. Nenhuma gota. (...) Eu fui na Prefeitura... Fiz um auê lá, com os que prometeram tudo pra gente, que são os principais. Falei que eu ia no Ratinho, ia em tudo quanto é rádio reclamar deles, rapidinho, sabe o que eles fizeram? Deram um jeito de arrumar uma cesta básica pra gente. Com leite para as crianças, alimento, tudo. Aí, depois que aconteceu isso, sumiram. Não apareceram mais. Sabe o que eles falaram? Falaram que não iam na minha casa, que eu era problema, que eu falava demais, que eu falava tudo. As outras que moram aqui foram chamadas pra reunião. Eu não, porque eles têm medo de mim, porque eu falo mesmo. Falo na cara deles. Eu falei na cara de uma mulher da Prefeitura: “Eu dentro de uma casa e ainda sair pedindo? Eu não quero isso. Quero ir pra dentro da minha casa, quero trabalhar, ter um serviço. Eu não quero sair pedindo comida pra meus filhos. A senhora não tem vergonha na cara de mandar eu fazer uma coisa dessas? Se a senhora não tem, eu tenho vergonha na minha cara”. A outra que mora aqui, pode estar chuva, frio, o que for, ela vem na rua com as filhas, arrumar o que comer. As filhas dela doentes e tudo, e ela pedindo. A gente já é mais diferente. Ela quer continuar pedindo, a gente não quer. Cada pessoa tem o seu jeito, não é verdade? Se a pessoa define que ela quer continuar naquilo, ela continua. A pessoa não quer, ela não quer. Você acha que se eu tivesse recebendo meu Renda Mínima, que nem eles prometeram, eu estaria aqui? Nunca. Nunca. Eu não estaria aqui. Você acha que vou passar o Natal, Ano Novo na minha casa sem nada pra meus filhos comerem? Nunca. Eu prefiro vir pra cá. (...) Eles fizeram isso comigo porque... eles falam que sou a mais invocada de todos. A Luiza e a outra ficam quietas, aceitam tudo numa boa. Eu não aceito. Eles estão dando uma canseira em

mim porque não aceito, brigo com eles. Eu brigo mesmo, falo, xingo mesmo. Elas não, elas aceitam tudo... Eu não aceito. Pra elas, está tudo bom, tudo ótimo, pode dar casa sem água, com água, mas pra mim não está bom. Eu enxergo que não está. O Renda Mínima, todo mundo assinou e eu não assinei ainda... porque eles falam que sou a mais bocuda, que fala tudo. Elas já foram em reunião, pra dar palpite... Elas foram obrigadas a falar bem da Prefeitura. Reuniram os bacanas... Obrigaram a falar bem deles. Só não me chamaram... Elas aceitam de mão aberta tudo que eles fazem com elas. Eu não aceito. Não aceito porque não acho certo. Eles foram lá na minha casa e eu falei: “Se eu chamar alguém pra denunciar vocês, vou falar, não vou guardar”. Eu falei isso. “Não vou ficar quieta, vou falar mesmo o que vocês fazem com a gente”. Sabe por quanto é alugada cada casa? Tem casa que é cento e poucos reais o aluguel... Como é que ia dar 3 mil reais num ano? Eles tinham que dar o restante do dinheiro pra gente manter a casa, as crianças. Por que não deram pra gente o restante do dinheiro pra comprar as coisas pra dentro de casa?

“Nós sabemos que estamos correndo risco aqui, mas a gente está precisando, necessitando”.

– *Como vocês fazem para tomar banho?*

Cida - A gente pega água no posto de gasolina do outro lado do viaduto. A gente pega água pra lavar roupa, tomar banho. Desde quando moro aqui, eles sempre deixaram, sempre foram muito bons com a gente. A gente vai ao banheiro, eles sempre foram bons com a gente. Têm alguns que são invocados, não gostam da gente. Mas têm outros que já são bons com a gente, com as crianças. Deixam as crianças irem lá, pegar água, tomar banho. Deixam as crianças ficarem até na loja do posto. Aí, elas arrumam refrigerante, leite, tudo. Eles deixam. Mas tem uns que invocam, querem até bater nelas. É verdade. A gente até precisa ir lá.

– *E a polícia, como é com vocês?*

Cida – Polícia? Não mexe com a gente. Nunca mexeram, Graças a Deus. Com isso, a gente não tem problema nenhum. Com a gente, eles não mexem.

– *Então, vocês não têm medo de dormir na rua?*

Cida – Ter medo, a gente tem. Daí, alguns dormem e outros ficam acordados. O medo é porque tem as crianças. Quando vejo que todo mundo está com sono, não durmo. Eu tomo café, aí fico acordada até alguém acordar pra ficar acordado aqui fora, porque quando a gente morava aqui,

aconteciam barbaridades... Já jogaram bomba com a gente aqui. Já deram tiro. Já passaram de carro pra dar tiro. Já chegou gente aqui com pedaço de pau pra bater em todo mundo. Aconteceu tudo isso. E a gente toma a frente das crianças. A gente se defende assim, todo mundo unido. Nós sabemos que estamos correndo risco aqui, mas a gente está precisando, necessitando. Se não fosse isso, não estaria aqui de jeito nenhum. De jeito nenhum estaria aqui, nem as outras, porque a Prefeitura prometeu demais pra gente e não cumpriu nada. Nada, nada, nada. Não cumpriu.

– O que você acha que vai acontecer daqui para frente?

Cida – Eles falaram pra gente que... Olha, a Prefeitura está tão confusa que não sabe o que vai fazer. Fizeram os prédios da CDHU, algumas pessoas vão morar lá e outras não, agora eu não sei por quê. Falaram que cada pessoa tinha que arrumar uma casa de oito a sete mil reais. Aonde eu vou encontrar esta casa, fala para mim? E na CDHU você tem que arrumar tudo, tem que pagar 55 reais por mês. Nós não temos condições de pagar. E esses prédios, acontece tanta coisa neles. Eu não sei o que acontecia aqui antigamente com os rapazes que têm briga com os outros lá de baixo, e nós ficamos inseguras, porque pode acontecer alguma coisa com a gente também, sem a gente nem saber quem é quem. Vêm rapazes armados lá de baixo, pra ver se os outros estão aqui pra matar. Sendo que a gente não sabe nem o que está acontecendo. Eles vêm, ameaçam de morte. Lá onde a gente está morando, moram alguns deles. Eu morava numa casa que era no mesmo quintal de outras pessoas dali de baixo. Não podia chegar uma pessoa na minha casa que ia lá com arma na cinta, entrando dentro da minha casa. Falei: “Que é isso? Onde é que estou morando?” Por causa de outro pessoal que morava aqui, que eles tinham briga, sabe? Então, nós falamos pra Prefeitura: “Não coloca a gente perto dessas pessoas que moram na outra ponte”. Pois colocaram a Luiza no quintal deles. Ela é ameaçada. O cara falou que se ela conversar com outros rapazes que moram nesta região, que a gente nem sabe quem é, vai cortar a língua dela, vai cortar a mão dela, vai cortar a perna dela. Ela é ameaçada. Por causa de quem? Da Prefeitura. Colocou ela no quintal de umas pessoas que não dá pra viver. A Prefeitura alugou as casas pras pessoas, mas não viu quem é quem. Alugaram casa pra pessoas que matam, roubam. E colocaram pessoas inocentes no lugar também.

– Essas pessoas também saíram da ponte e estão morando nas casas...?

Cida – Também.

– E eles voltaram pra cá agora?

Cida – Na ponte de baixo. O juizado já quis pegar minhas filhas aqui de baixo. As da Luiza também. E ela estava passando necessidade, não tinha nada dentro de casa, e o pessoal da Prefeitura que tirou a gente daqui estava junto. Como é que eles iam deixar acontecer uma coisa dessas? Trazer Juizado de Menor pra levar os próprios filhos dela... Eles arrumaram a casa pra morar, ela passando necessidade, necessidade mesmo, e eles sabem que a gente passa necessidade, mas só que eles abandonaram a gente, deixaram a gente de lado. Eles não ligam mais pra gente. Teve gente que eles compraram casa por oito mil reais e a pessoa vendeu por dez mil reais. Sabe o que é isso? Pessoa que já tem casa, que não precisa, que se enfia de baixo da ponte pra querer mais e aí são as primeiras que a Prefeitura ajuda. Estão ajudando as pessoas lá da ponte de baixo primeiro que nós. Aí falam pra gente que se a gente quiser é assim, se não quiser, a gente fica aqui mesmo. É isso que acontece. E nós precisamos mais, nós estamos precisando. Para fazer esse Plano, deveria ser mais investigado. As pessoas que têm e as pessoas que não têm, porque as pessoas que a Prefeitura comprou casa já venderam. E nós estamos na mesma, todos na mesma. O plano da Prefeitura não foi certo.

– *O que você acha que é mais importante disso que você falou?*

Cida – O mais importante de tudo, sabe o que é? Que a Prefeitura veja mais direito as pessoas, as pessoas que não necessitam e as pessoas que necessitam muito como nós, porque tem gente embaixo do viaduto que está por estar, pra ganhar também. Já tem casa, já tem tudo. Eu conheço gente assim. A Prefeitura já comprou casa pra uma moça da outra ponte debaixo, por que eles não podiam comprar pra nós também? Compraram e a moça vendeu. Não durou um mês! E é uma casa boa, muito boa. Ela vendeu por dez mil reais. A Prefeitura não quer dar esses dez mil reais pra nós. Ela quer dar sete ou oito. E não tem casa com esse preço. Só se for na favela. Compra na favela, aí depois eles querem tirar a gente da favela tudo de novo. Eu sei como é porque eu já vivi na favela. Eles colocam a gente lá e, com o tempo, eles querem tirar a gente tudo de novo.

– *Você vai voltar para a casa?*

Cida – É, vou ter que voltar. Vou ter que arrumar algumas coisas aqui e voltar. Eu queria passar o Natal na minha casa, mas só que não vou poder, porque não tenho nada na minha casa. E não vou voltar pra deixar meus filhos morrerem de fome, né? Eu queria passar o Natal na minha casa...

– *Eles passaram fome mesmo, de ficar sem comer o dia inteiro?*

Cida – Ele ficou sem tomar... ele tomou chá, só chá. Por isso voltei pra cá. E lá não dá pra você pedir pra ninguém. Todo mundo recusa até de olhar. Até olhar, as pessoas não olham pra gente.

“Mas um dia eu creio que isso daqui vai acabar. Esse sofrimento da gente vai acabar. É só a gente querer lutar”.

– *Você é casada?*

Cida – Olha, estou separada do meu marido faz mais de quatro anos. Sempre moramos juntos na rua. Depois separei dele. Agora, ele tem a casa dele, eu tenho a minha. Ele era o pai das meninas. O pai do Davi é outro, que também meti o pé na bunda. Não queria me ajudar em nada, eu meto o pé na bunda, não é verdade? Então, é melhor eu com as minhas filhas do que com um homem dentro de casa que você sabe que não quer ajudar, ir à luta junto com você, então é melhor ficar sem mesmo. Eu prefiro. As outras que moram aqui têm marido que só dão trabalho. Os maridos delas, coitadas, se elas não lutarem, eles não lutam por elas também. Pra que um marido assim? Eu falei pra elas que eu já tinha metido o pé na bunda. Fico só com meus filhos, mas com marido que não quer ajudar eu não fico. Eu posso passar por tudo, mas com marido eu não fico. Marido que quer saber só... A Prefeitura deu uma casa, quer ficar dentro de casa, esperando a mulher trazer as coisas. Que é isso? Isso não é marido, não é verdade? Isso aí é gigolô. Está querendo virar gigolô, não é verdade? Eu não fico. O marido da Luiza puxa carroça, tudo bem, mas ela sofre também, porque ele bebe, essas coisas. Se ela precisa de um dinheiro dele, ele não dá nem pra comprar coisas para as crianças, ele não dá. Coitada.

– *Você tem parentes em São Paulo?*

Cida – Tenho, mas não tenho contato com eles faz mais de 20 anos. (pausa) Porque a minha família falou que se eu precisasse de um prato de comida, eu poderia ir na casa dela que ela me dava, mas eu não precisava de um prato de comida. Eu precisava de moradia para pôr meus filhos, um lugar para pôr meus filhos. Não um prato de comida. Como eu estava na pior, eu precisava de moradia. Aí que tive que vir pra rua, com meus filhos todos. Na primeira vez, morei na calçada, filha. Na calçada, dormi na calçada. Nem foi embaixo de ponte. Na calçada mesmo. Os meus filhos... chuva, sol, o que for eu passava com eles. (pausa) Mas um dia eu creio que isso daqui vai acabar. Esse sofrimento da gente vai acabar. É só a gente querer lutar. Se a gente lutar... Que nem falei para Luiza: “Se você não lutar, a gente não lutar, nós não vamos sair dessa, gente. Não vamos. O ano que vem, será que vamos estar aqui de novo? Se a gente não lutar

por isso, vamos estar aqui o ano que vem de novo? Não quero ficar o ano que vem de novo. Vocês podem estar, mas eu não, não quero estar o ano que vem aqui debaixo de jeito nenhum. Não quero”.

– *Você espera que a Prefeitura passe aqui para você poder negociar alguma coisa?*

Cida – Negociar, porque oito mil, pra mim, não é nada. Se a Prefeitura me desse pelo menos dez mil, acho que pelo menos eu encontrava uma casa pequena. Oito mil, sete mil, você só acha em favela. Ir pra a favela tudo de novo? Que é isso? Não é certo. Esses prédios da CDHU, essas coisas, não dá nada certo. Já teve gente que invadiu os prédios da CDHU. Já invadiram. A Prefeitura está perdida. Eles não sabem o que vão fazer conosco. Eles não sabem, estão perdidos mesmo. Quando vencer o contrato de um ano, em abril de 2003, nós nem sabemos o que vai acontecer... Porque eles mesmos falaram pra nós que os prédios que a CDHU estava construindo pra gente foram invadidos. E eles não podem tirar as pessoas. Eles não podem. Então, eles falaram que não sabem o que vão fazer com a gente, pra gente esperar. Esperar o quê? O que nós vamos esperar? Não dá pra esperar!

– *Desde que vocês estão aqui você não foi lá na casinha para ver como é que está?*

Cida – Não fomos.

– *Você não fica com medo que invadam lá também?*

Cida – Invadir lá? Não invadem não. As pessoas não mexem lá, não. Não mexem. Eles nem conversam com a gente nem nada.

– *E como é a casa?*

Cida – Dois cômodos. As casas, nenhuma presta. Ne-nhu-ma pres-ta. Ne-nhu-ma presta. A Prefeitura gastou dinheiro à toa. Não fez nada. Com esse negócio da casa, ela não fez nada ainda. Prometeu, mas não fez nada ainda. Alugou essas casas que estão dando o maior problema. Tem casa que o dono está com risco de perder o terreno pra justiça. Onde eu moro, chega um monte de papéis, acho que é imposto que ele não pagou. Ele está quase perdendo o terreno. É assim que acontece. E nós estamos morando até abril, até abril nós temos que ficar nas casas.

– *Você acha que daqui até abril você volta pra casa?*

Cida – É, a gente vai voltar. Nós pretendemos passar o Natal aqui, porque não temos nada dentro de casa. Nem eu, nem ninguém. Não temos coisas

dentro de casa. Não temos nada, nada, nada. Aí, depois do Ano novo, a gente volta. Aí vamos ver como é que vai ficar. O que a Prefeitura vai fazer com a gente, vai falar para gente... Porque eles sumiram, não vão na casa da gente.

– *E vocês estão telefonando para eles?*

Cida – Mas não atende. Eles falam que não estão. Eu já fui lá, mas não encontrei ninguém. Acho que é tão grande que eles ficam lá dentro e os outros falam que não estão. Aí, o que a gente vai fazer? Esperar e ver o que acontece. Se eles vêm mexer com a gente aqui... Com certeza, vão vir.

– *Você quer que eles venham?*

Cida – Eu quero, quero que eles venham, porque aí vou falar pra eles porque estou aqui. Levo eles até a minha casa porque eles sabem o que está acontecendo na casa da gente. Eu levo lá. Se eles aparecerem aqui, ou um repórter, levo lá na minha casa e mostro como está a situação. A Prefeitura colocou a gente num lugar que não temos como encontrar serviço. Frente de trabalho que eles prometeram, não tem nada. Aí a gente vai ser obrigada a levar lá na casa da gente... pra provar o que está acontecendo. Temos que provar o que está acontecendo. Então, nós vamos ficar aqui até o Natal. A Prefeitura quase ia vir hoje, passou perto. Vocês nem iam encontrar a gente aqui. Ouvi dizer que passaram lá embaixo e levaram tudo. Pegaram até as crianças lá embaixo.

“É um sofrimento triste”.

– *Você está aqui sempre?*

Cida – Sempre. A minha amiga que mora ali vive assim: ela sai andando, pedindo pra um, pra outro, um sofrimento. Um sofrimento... Eu pergunto pra ela como ela aguenta esse sofrimento, como ela aguenta um sofrimento desse? Carregar duas filhinhas pequenas, sol, chuva, pra pedir. É um sofrimento triste. Ainda as pessoas da Prefeitura falam pra gente sair pedindo na rua... Que é isso? Isso é humilhação demais. Eu não aguento isso. Eu não fico quieta, não aguento. As pessoas falarem uma coisa dessas para mim. Eu não consigo ficar quieta. Não fico. A Prefeitura vai mexer com a gente. Até amanhã ou depois, eles estão aqui. Eles vão aparecer aqui. Mas a gente não vai sair daqui. Eles vão querer fechar a grade, mas a gente abre. Nós abrimos.

– *Mas, na verdade, você quer sair daqui também?*

Cida – Eu quero sair daqui... A gente não quer viver aqui. Mas nem o Renda Mínima da gente saiu. Se não, a gente não estaria aqui. Se a gente tivesse garantido naquilo lá, a gente não estaria aqui. Eu com certeza, não estaria. Estaria na minha casa. Por pouco ou por muito, estaria na minha casa e não aqui debaixo, com minhas filhas, desse jeito, pra passar por isso. A gente que vive aqui sabe o sofrimento que a gente passa, a humilhação. Tudo isso a gente tem que aguentar. Das pessoas aqui... das pessoas lá... Nós temos que aguentar. Por causa de quem? Da Prefeitura.

– *Vocês ficando aqui, eles veem que vocês estão aqui, né? Se vocês forem para outro lugar...*

Cida – Eles falaram que se a gente viesse para a ponte, nós íamos perder as casas. Mas eles não cumpriram o que eles prometeram. Nem o Renda Mínima, nem a Frente de Trabalho. Não acertaram nada até hoje. Não sei quantos meses que a gente está lá e eles não resolvem nada. Então, é isso. Nós vamos ficar aqui pra lutar. Nós vamos lutar contra a Prefeitura. Nós vamos mesmo. Nós vamos lutar contra isso. Que nem eu falei pra Luiza: “Vamos combinar nós todas de irmos lá para a ponte, porque eu não posso lutar sozinha. Tem que ser nós todos lutando contra eles porque uma sozinha não vai dar em nada. Se formos nós todos lá pra debaixo da ponte, a Prefeitura vai ter que garantir alguma coisa pra gente”. (...) E nós temos que lutar porque se ficar parado, olhando só para cima, não dá, ninguém vai ajudar a gente. Ninguém ajuda.

Entrevistadoras: Lygia de Sousa Viégas

Juliana Breschigliari